

Povo é construtor da paz

- **Presidente Samora Machel saúda população de Gaza**
- **Povo exige medidas severas para candongueiros**
- **Anunciadas medidas especiais para «bandidos desarmados»**

No Chibuto, Província de Gaza, o Presidente Samora Machel orientou no passado dia 15 de Fevereiro, um comício popular ao qual estiveram presentes milhares de pessoas entre camponeses, operários, funcionários, milícias e outras representações das estruturas de base do Partido. Esse comício veio na sequência do desmantelamento, pelas Forças Armadas Moçambicanas, das bases dos bandos armados que se encontravam disseminadas naquela província. Com o objectivo inicial de a Direcção do Partido saudar a população de Gaza pelo seu activo engajamento no combate aos bandidos o comício acabou, por vontade expressa da própria população, por traçar novas orientações no combate não só aos bandos armados como também aos seus aliados, os candongueiros, especuladores e todo o tipo de «bandido desarmado» ou seja, o inimigo interno.

Por diversas vezes repetido na íntegra nas emissões da RM e Emissor Interprovincial Maputo-Gaza, alvo de uma 2.ª edição do jornal «Notícias», o discurso pronunciado pelo Presidente Samora Machel é um indicador claro das aspirações populares e, pela sua importância transcrevemo-lo na íntegra para documentação dos nossos leitores.



Do que querem que conversemos? Qual vai ser a agenda da nossa reunião? A estas questões postas pelo Presidente Samora Machel, a população respondeu sucessivamente e em coro:

- bandidos armados
- candongueiros
- fome
- nudez

Vamos falar dos bandos armados, dos candongueiros, da fome, da nudez. Viram como se faz a agenda?

Mas por onde começar quando a agenda é tão difícil? Vocês fizeram uma agenda muito difícil!

A terra é considerada Pátria quando nela há tranquilidade. Ela é considerada Pátria quando as pessoas que a habitam vivem em tranquilidade. A terra tem valor quando as pessoas que nela habitam, os donos da terra, vivem em tranquilidade. A terra e a Pátria existem e são construídas pelas pessoas. Mas estas pessoas, quando vivem na escravidão, quando são escravas, quando em conjunto são espezinhadadas e diminuídas, não são pessoas. E, então, não existe terra.

Em toda a parte do mundo os povos querem a paz. Em toda a parte do mundo os povos lutam e aceitam morrer para conquistar a paz. Os povos aceitam morrer, aceitam sacrifícios, aceitam todas as privações, todas as dificuldades para conquistarem a paz.

Os povos amam, em primeiro lugar, a paz, a liberdade, a independência. A liberdade e a independência são inseparáveis da paz. Sem a independência, sem a liberdade, não há paz.

Se alguém pretender alguma coisa sem nada fazer, nada terá. Se alguém quiser comer maçaroca sem produzir maçaroca, não a comerá. **(Aplausos).**

Recordo-me de que, quando era jovem, muitos jovens preferiam abandonar a sua terra durante dezoito meses, durante dois anos, para irem para as minas da África do Sul, cruzando constantemente com a morte. A procura de quê? **(o povo responde: à procura de dinheiro).** Dinheiro para fazer o seu casamento, o seu lar, para depois terem os seus filhos. Então, quando a pessoa tem dinheiro, casa-se. E, depois do casamento, todos nós vamos ter com ela, felicitamo-la e dizemos-lhe: «Tiveste sorte porque estiveste nas minas da África do Sul e escapaste da morte, não morreste, ficaste vivo e conseguiste o que querias».

A LIBERDADE É UMA CONQUISTA

A independência, a liberdade conquistam-se. Cruza-se constantemente com a morte, enfrenta-se a morte, desafia-se a morte para se conquistar a paz, a independência, a liberdade.

Se alguém pretender alguma coisa, o que deve dizer em primeiro lugar é «aceito morrer

mas quero ter aquilo». Dizer que prefere morrer do que viver tantos anos pobre, escravo, humilhado, espezinhado, discriminado. É preferível morrer do que viver escravo, do que ser escravo eternamente. É preferível morrer lutando do que morrer algemado, do que morrer acorrentado, do que morrer com a cabeça curvada para baixo. Entre aquele que luta durante uma hora e mata vinte inimigos e aquele que vive 50 anos mas escravo, quem é que tem mais valor? **(Resposta do povo: aquele que mata vinte inimigos).**

Porque é que há fome no nosso país? **(Resposta em uníssono: por causa da seca).**

Então vou fazer-vos compreender duas coisas.

Lutámos durante dezenas de anos para conquistar a independência. Chibuto era a sede do Império de Gaza. Todos recordamos Sochangana, Muzila, Maguiguana até Gungunhana. Mawewe prejudicou-nos um pouco, traiu. Isto é a nossa história... Em 1895, Gungunhana foi preso aqui, o Império de Gaza caiu. Mouzinho escreveu para Portugal a dizer que já tinha



Aceitar morrer porque se quer viver em liberdade

conquistado Moçambique. Continuámos a lutar e expulsámos o colonialismo português.

Hoje queremos informar àqueles que enviaram os bandidos armados para Moçambique que vamos correr com eles. Mas para onde irão eles? Porque Moçambique já está nas mãos do Povo moçambicano.

(Aplausos).

VENCER AS CAUSAS DA FOME

Portanto, sobre a fome na Província de Gaza, estamos de acordo que, em primeiro lugar, a causa principal da fome é a seca, porque há quase dois anos que não chove (**o povo entoia uma canção sobre a produção**). Falamos desta maneira porque já somos realmente independentes.

Vocês disseram na canção: «vivemos aqui, vivemos séculos e séculos do nosso suor, produzindo com a enxada na mão».

A chuva não caiu. E, quando chove, chove muito, há inundações. Lembram-se do ano de 1977? (**Resposta: sim, lembramo-nos**). E quando não chove, os cajueiros não produzem. Vocês produzem aqui amendoim, mas sem chuva, vocês não o têm.

No Vale do Limpopo, cultiva-se batata-reno e muitas outras coisas. Mas, quando não há chuva, não produzimos. Não produzimos feijão-manteiga, feijão-branco, cebola, alho, grão-de-bico porque não há chuva. Não produzimos o milho que nos alimenta porque não há chuva. E, porque não chove, também não produzimos amendoim, mandioca, castanha.

Temos falta de comida no país porque somos também vítimas das calamidades naturais, da seca.

E quando vocês produzem feijão e o vendem, compram roupa. Quando têm castanha e a vendem, compram roupa.

Quero responder às duas questões. Para se entrar no céu é preciso rezar. Quem se convence que é filho de Deus, que foi por ele concebido e não reza, não vai para o céu, vai para o inferno. Quando não reza, Deus vai recebê-lo? Então para onde vai? Para o inferno, o diabo leva-o. Os religiosos dizem: pede, que receberás; bate à porta, que ser-te-á aberta. E que mais? (**Algumas vozes, acrescentam: procura que acharás**). Há alguém que diga: fica sentado que te darão? (**Resposta em coro: NÃO**).

Há, então, entendimento entre nós nestes pontos.

Vocês sabem que o Governo fez um apelo a muitos países. O Governo não escondeu que as nossas províncias do Maputo, Gaza, Inhambane, Manica, Sofala e uma parte de Tete — 6 províncias — são vítimas da seca. Nestas seis províncias há falta de chuva. E esta seca afecta 4 milhões de moçambicanos.

Alguns países já responderam ao apelo do Governo da República Popular de Moçambique



A causa principal da fome é a seca

de envio de comida para apoiar o Povo moçambicano, que é vítima das calamidades naturais, da seca. Países da Europa e da América estão a responder ao nosso apelo.

Muitos países do mundo respondem porque os povos, os governos sabem o que são calamidades naturais na vida humana.

Por causa da seca, temos problemas de falta de água, e, quando não temos água, não temos vida. Então, nessa altura somos vítimas de várias doenças. A falta de água traz como consequência uma série de doenças.

Por isso, viemos a Chibuto para compreender muitos problemas, alguns criados pela seca e outros pelos bandidos armados. Não é assim? (**Resposta: sim — Aplausos**).

CRIMES DOS BANDOS ARMADOS

Temos conhecimento de que os bandidos armados queimaram casas, roubaram camas, cobertores, lenços de cabeça, blusas, vestidos, saias, capulanas, enxadas, queimaram tractores. (Neste momento, o Presidente Samora Ma-

chel mostrou alguns artigos roubados pelos bandidos armados e que foram recuperados pela acção das FPLM. Ouvia-se um forte clamor na assistência, seguido de aplausos).

Quer dizer, os bandos armados queimaram os instrumentos, destruíram os meios de produção. Agora, tendo os dois braços, tendo os dez dedos das mãos mas sem enxada, pode-se expulsar a fome?

Nós sabemos que os bandos armados raptaram crianças e levaram-nas para o mato, sabemos que raptaram as nossas mães, as nossas mulheres, os nossos filhos, os nossos avós, os nossos pais. Então quem ficou a produzir? Mesmo se tivesse chovido, quem ficava a produzir? **(A população manifesta a sua compreensão através de aplausos e tocando chipalapala).**

Nós sabemos que os bandos armados andaram a colocar minas nas estradas, que os bandos armados roubaram as nossas bicicletas, as nossas motocicletas, que os bandos armados queimaram carros, camiões, machimbombos com passageiros. Se tivesse chovido, teriam produzido. Mas como teríamos feito a comercialização dos vossos produtos? Se o machimbombo não circula, se o camião com mercadorias — capulana, sal, chá, açúcar — é queimado pelos bandos armados, podemos comprar os produtos da população?

(Resposta em unísono: — NÃO).

Nós sabemos que os bandos armados roubaram as mercadorias que estavam na loja. Roubaram o sal, o sabão, o óleo de cozinha, o petróleo, as capulanas, as enxadas, as catanas, os machados, os pregos, os martelos, os serrotes. Podemos assim escapar à fome e à nudez?

(Resposta em unísono: — NÃO!).

Sabemos que os bandos armados raptaram professores. Quem fica na escola a ensinar a maneira de matar a fome?

(Resposta do povo: Ninguém).

Se o aluno é raptado, quem fica a aprender na escola como se constrói a bela aldeia na zona do regadio do Vale do Limpopo?



«Os bandos armados raptam crianças, colocam minas nas estradas, destroem cantinas, destroem machambas, destroem meios de transporte». Na foto, bandidos armados apresentados no Comício de Chibuto

Nós não temos cobertores, mas o bandido armado tem. Onde é que o bandido armado comprou essa manta? Onde o bandido comprou essa bicicleta? **(Resposta popular a estas questões: Roubou!).** Se ele roubou, com que ficaram vocês? **(Resposta: Com nada).** Se o bandido armado vos rouba a manta, o vestido, a blusa, a capulana, o sapato, o que irão vestir? **(Resposta: Nada).**

Então há duas causas que provocam a nudez: não termos produzido porque não choveu e o bandido armado que nos roubou.

E aqui devemos saber escolher. Não temos força para fazer cair a chuva. Mas podemos acabar com os bandidos? **(Resposta do Povo: Sim).**

O EXERCÍCIO DO PODER

Oiçam muito bem: no passado sentimos que íamos acabando, alimentando o colonialismo. Íamos para as minas na África do Sul, vendidos, 200 mil homens por ano, provenientes das províncias de Gaza, Inhambane e Maputo. Em cada ano, 3500 a 4000 homens moçambicanos morriam na África do Sul, um número quase igual à gente que está aqui presente. Eram homens que deixavam mulher e filhos.

Morriam jovens, na flor da idade, deixando as suas noivas. Vocês que estão aqui conosco sabem. Conhecem os vossos amigos que morreram na África do Sul. Morreram e não se sabe onde estão sepultados. O dinheiro que ganhavam não era para eles, era enviado para Portugal.

Se querem compreender a importância da independência, a importância da liberdade, basta que imaginem o número de mineiros moçambicanos mortos nas minas da África do Sul, durante o período de dominação colonial.

Uns morriam nas minas, mas outros voltavam carregados de tuberculose e morriam cá, deixando mulher viúva e filhos órfãos. Deixavam-nos a cargo de quem? Quem era o responsável desta situação? **(Resposta do povo: O colonialismo).**

Outros eram mandados para Xinavane, para as plantações de Magwevane. Quando morriam, eram enterrados em valas comuns. E vocês, senhoras, recebiam algum subsídio pela morte dos vossos maridos? Recebiam alguma informação sobre a sua morte? **(Resposta do povo: Não).** Ou só tinham conhecimento disso por alguém que tinha estado nas machambas de Magwevane?

Quando alguém completava um ano de trabalho nas machambas de Xinavane, mandavam-no regressar a casa dizendo: «já acabaste, pague o imposto». Estão a ouvir senhoras? Esqueceram-se? **(Resposta do povo: Não).**

Agora deixam os criminosos à solta. Produzem para dar aos criminosos e para eles acabarem convosco?

Quando nós começámos a guerra fizemos uma escolha. Essa escolha foi a liberdade, a independência. E conquistámos essa independência. Agora somos homens livres, agora somos homens independentes. Temos de discutir, escolher de novo: como exercer este poder que temos?

O que temos estado a fazer é brincar com o poder. Estamos a brincar com a liberdade, com a independência. Não respeitamos os que morreram pela causa da liberdade. Não respeitamos aqueles que se sacrificaram pela independência.

Brincamos com o Poder. Não o exercemos para castigar os inimigos da nossa independência e liberdade. Não exercemos o poder para valorizar aqueles que consentiram sacrifícios nas minas, nas plantações de açúcar, de chá, de algodão, de arroz.

Quando lutares contra alguém e conseguires agarrar-lhe o pescoço com as duas mãos, não o largues. Se chegarem pessoas, amigos dele, para o socorrer, aperta-lhe o pescoço com força. Por mais que elas te batam, continua a apertar-lhe o pescoço com força. Escutem bem isto! Não tires nem uma mão, porque se a tirares, os amigos que querem ajudar o teu inimigo, vão tirar-te a outra. Assim, o teu inimigo salva-se e tu morres.

Quando prenderes uma pessoa e aparecerem cinco, dez ou mais amigos dela, não a largues. Aperta-a bem e diz: este vai morrer comigo. Depois de o matares, eles vão largar-te e apenas dirão: matar uma pessoa! **(Aplausos)**.

Penso que já nos compreendemos.

Vimos o problema da fome e da nudez. As suas causas principais estão localizadas.

O programa do Governo da RPM visa, precisamente, matar, em primeiro lugar a fome, do Rovuma ao Maputo. E venceremos.

CANDONGUEIRO BANDIDO DESARMADO

Sobre os candongueiros.

Qual a diferença entre o especulador, o ladrão e o bandido armado? **(Resposta do povo: Nenhuma)**.

Qual é a diferença entre o especulador, o ladrão e o candongueiro? **(Resposta do povo: Nenhuma)**.

Qual é a diferença entre o ladrão, o candongueiro, o especulador e o bandido armado? **(Resposta do povo: É tudo a mesma coisa)**.

Então, estamos a brincar com o Poder.

Também temos a fome, a falta de roupa, porque não conhecemos o ladrão, o candongueiro e o especulador.

Não estamos a definir correctamente os inimigos actuais do Povo moçambicano, da nossa independência, da Revolução moçambicana, do sistema socialista que estamos a construir.

Durante o colonialismo sabíamos perfeita-

mente como os colonos portugueses exerciam o poder: era com a palmatória, com o cavalo-marinho, com as algemas, com a morte.

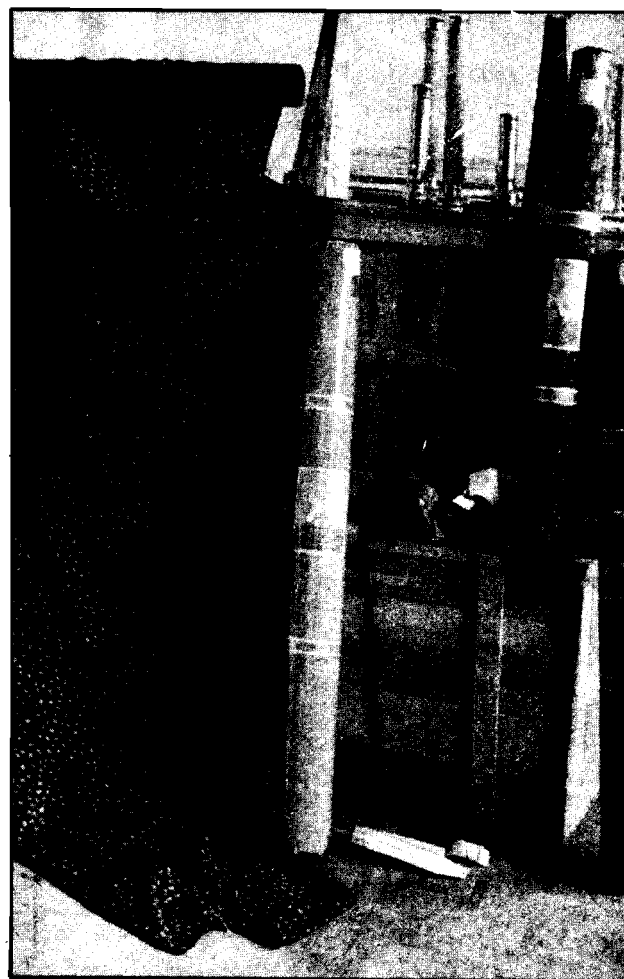
Assim, quando as autoridades do Governo colonial nos mandavam limpar a estrada, nós limpávamos, apesar de sabermos que era a estrada que permitia ao Chefe de Posto e ao sípao vir prender-nos. A estrada que permitia ao colono vir cobrar-nos o imposto. Estrada que permitia a circulação dos carros dos colonos, para virem humilhar as nossas mulheres e as nossas filhas.

Não era isso? Os colonos portugueses sabiam exercer o seu poder? **(Resposta do povo: Sim)**.

Limpávamos as estradas que permitiam ao colono ir abusar das mulheres na presença dos seus maridos.

Agora, quando dizemos limpem as estradas, para o Land-Rover, o Jeep, os soldados da Frelimo chegarem depressa às vossas casas, dizem que não!

Agora quando dizemos que é preciso limpar a estrada para que a ambulância chegue depressa, para que as crianças cheguem depressa à escola, não o fazemos.



Na candonga há tudo. Temos que exercer o nosso poder para liquidar com os candongueiros

Vocês não negam, mas somos nós que não sabemos governar.

O candongueiro desvia os produtos dos circuitos normais, mas o Governo não toma nenhuma medida. O trabalhador no comércio, no supermercado, na loja, rouba, mas não o punimos.

No seu tempo, Gungunhana tolerava isso? **(Resposta do povo: Não).** E o que é que fazia? **Resposta do povo: Matava com uma lança.** E quando é que Gungunhana matava? Matava de noite ou de dia? **(Resposta do povo: matava com uma lança, de dia).**

Sim. Matava com uma lança e dizia a razão por que a pessoa era morta. E apresentava-a a todos os presentes. Isto hoje não acontece connosco. Não castigamos severamente estes criminosos.

(Neste momento o povo entoa a canção Khanimambo Frelimo).

Estamos agora invadidos por piolhos, pulgas, percevejos, carraças; estamos invadidos por todo o tipo de parasitas. E não sabemos como tirá-los.

São ladrões, salteadores à mão armada, especuladores, açambarcadores, traficantes, violadores de mulheres e menores, candongueiros e bandidos armados.

Estamos invadidos por todo o tipo de parasitas e não sabemos como livrar-nos deles.

Por onde começar? Pela pulga? Pelo percevejo? Pelo piolho ou pela carraça? Por onde começar a limpeza destes parasitas? Pelos bandidos armados? Pelos candongueiros? Pelos ladrões, ou pelos especuladores? Por onde começar a eliminá-los? **(Resposta do povo: Todos são iguais).** Aqui em Gaza, diz-se que quando o quarto está invadido de percevejos, piolhos, carraças, tudo isto misturado às lândias, ferve-se a água numa panela muito grande, juntam-se os cobertores e a roupa e mergulham-se na água a ferver, para matar todos os parasitas.

Para os que são religiosos, mesmo no tempo de Cristo, quando os bandidos quiseram tomar o templo para fazer comércio, o que é que ele fez? **(Risos).**

Porque é que vocês os deixam vender na candonga? No tempo de Cristo, naquela época, aos candongueiros chamavam-se vendilhões. Por causa da especulação, da candonga, Cristo pegou no chicote — não havia espingarda naquela altura; a sua arma era o chicote —. Nós dizemos que Cristo pegou no chicote e bateu. Não dizemos que matou. É bom que digamos a verdade: naquela confusão toda, alguns morreram. Cristo matou ali; outros ficaram feridos.

Quando se pega em qualquer instrumento do poder, é para se estabelecer a ordem pela violência. A violência é necessária no exercício do poder.

A candonga, a especulação, o açambarcamento, o roubo, são aliados da prostituição. Onde há roubo, onde há açambarcamento, onde

há ladrões e candonga, há também violência. Estes são ao mesmo tempo assassinos.

Tudo isto se pune!

No tempo de Cristo, as prostitutas eram mortas. Mas era outro tempo ...

(O povo recorda que no Império de Gaza as prostitutas eram colocadas de cócoras e espetava-se-lhes uma estaca até ao chão).

Era no tempo do Gungunhana. Mandava-se acocorar as prostitutas e espetava-se uma estaca afiada até ao chão. Essa era a violência daquele tempo.

Mas agora chegámos nós, da FRELIMO, e dizemos que as prostitutas não devem ser mortas. Basta a crítica.

Mas não era só Gungunhana que mandava matar este tipo de gente. Cristo mandou apedrejar Madalena. Nessa época uma prostituta não podia ser tocada. Era uma pessoa impura. Por isso era morta à pedrada.

A candonga e a prostituição estão intimamente ligadas. Terá valor o nosso povo quando misturado com candongueiros e prostitutas?

Os candongueiros são criminosos. São ladrões profissionais, que estão a institucionalizar o roubo no nosso País; oficializam o açambarcamento. Eles são vendilhões da Pátria.

Imaginem um camião de quinze toneladas de abastecimento que sai de Maputo com destino a Gaza, ou mesmo dez camiões carregados de sal, de açúcar, de sabão; imaginem camiões carregados de enxadas, catanas e machados; camiões carregados de capulanas e lenços, que desaparecem pelo carrinho. Esses camiões voltam vazios para Maputo: as mercadorias desapareceram, mas não chegaram ao Xai-Xai. E vamos fazer crítica neste caso? Vamos chamar os membros do Partido para criticarmos o elemento que roubou e fez desaparecer as mercadorias? Se não resolvemos o problema da candonga, também não resolveremos a questão do abastecimento do povo.

Imaginem outros casos.

Um camião sai da fábrica de cerveja na Machava, para ir abastecer o Hotel Polana com cerveja «2M». Da Machava para o Hotel Polana a cerveja desaparece. O hotel não é abastecido mas o camião regressa vazio à fábrica.

Vamos fazer uma reunião para criticar?

Onde está o poder?

Aviões, barcos, camiões, desembarcam produtos na cidade de Maputo. Desembarcam-se toneladas de camarão no porto de Maputo. Camarão que é uma fonte importante de divisas para o País. Sair do cais para o frigorífico é o mesmo que sair de Maputo. Sair do cais para o frigorífico é o mesmo que sair de Maputo para Nova Iorque, de Maputo para Londres ou de Maputo para Moscovo.

O camarão é desembarcado e desaparece entre o cais e o frigorífico. Vamos fazer crítica?

Um camião sai de Maputo para Inhambane carregado de mercadorias, e no percurso desaparece a mercadoria. Vamos fazer crítica?

Isto é governar? Isto quer dizer que quem governa são os ladrões.

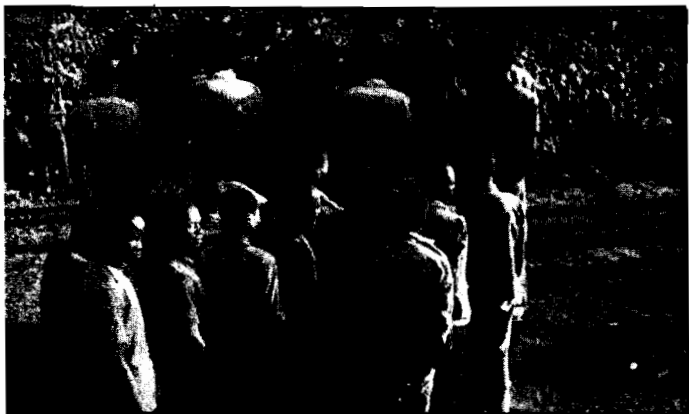
PUNIR COM RIGOR

Nas lojas não há produtos, mas na candonga há de tudo. Alguns em Maputo, onde nós estamos, transformaram as suas casas em supermercados e em lojas de elite. Os pescadores, em Maputo, já nem querem vender o peixe em metical, dinheiro nacional. Só querem em dólares e em libras. Dizem que o peixe fala inglês...

Por isso, para eliminar a candonga, temos de exercer realmente o poder. É necessário o exercício efectivo do poder. Temos de governar!

Tudo neste País está na candonga. São as fechaduras, os medicamentos e até os registos estão sob a candonga. Para registar o nome há suborno, há candonga; para registar o casamento, para o filho passar na escola, há candonga. Isto parece terra de ninguém!

Então por que estamos surpreendidos por haver bandidos armados?



«São estes os javalis». Os que matam, saqueiam, aterrorizam mandatados pelos «boers». (Bandos armados apresentados no Comício)

Em toda a parte do mundo há este tipo de gente: ladrões, assassinos, salteadores, violadores de mulheres e menores, raptos, malfeitores, perturbadores da ordem pública... E em toda a parte do mundo esta gente é punida com severidade. É punida e não são bandidos armados.

É preciso distinguir estas duas categorias.

Aqueles formam, no seu conjunto, a grande rede, o anel em que se envolve a candonga. Estão em contacto com a Suazilândia, com a África do Sul e outros países. Roubam pedras semipreciosas, madeiras, roubam carros inteiros, fogões, geleiras, roubam tudo o que tem mais valor e vendem lá fora. Estes são os candongueiros da cidade.

As nossas cidades estão cheias deste tipo

de bandidos. São bandidos sem armas, representantes dos bandidos armados.

Nas cooperativas, na Organização da Juventude Moçambicana, na Organização da Mulher Moçambicana, roubam dinheiro; nas fábricas de açúcar, de chá, destróem as máquinas. Roubam e não são punidos. Roubam nas repartições do Estado: Registos, Escolas, Hospitais e Ministérios.

Essa gente rouba mil contos e depois diz; façam o favor de me criticar. Nós devemos punir pelo roubo de um metical, de cinquenta centavos. Temos de punir com rigor. (Aplausos). Em toda a parte temos de punir essa gente com rigor.

É verdade que temos dificuldades, mas uma das maiores dificuldades são os candongueiros. Abusam do nosso poder. Violentam a sociedade, transgridem as leis da República Popular de Moçambique. Mas nós vamos punir severamente. (Aplausos).

Esses ladrões profissionais, que já existem aqui em Moçambique, embora felizmente ainda não se tenham consolidado, quando não encontram nada para roubar, roubam até o seu próprio chapéu, a sua própria camisa, para não perderem o hábito e a prática de roubar.

Fome, nudez, candonga — tudo isto está interligado. O candongueiro é o bandido armado contra a economia nacional, contra o nosso desenvolvimento, para que haja miséria, fome e nudez em Moçambique. É o suporte do subdesenvolvimento e da miséria, de quem os candongueiros são adoradores para melhor poderem actuar. Os candongueiros ficam satisfeitos quando não há produtos. Quando falta roupa, géneros, ficam satisfeitos e dizem: a nossa tarefa está a avançar!

Nestes próximos dias o vosso Governador vai-vos informar sobre a maneira como vamos acabar com os candongueiros, os percevejos, as carraças. Todos esses parasitas vamos metê-los em água a ferver para limpar a nossa casa. (Aplausos).

Último assunto da nossa agenda: bandidos armados.

Não me vou demorar nesta questão dos bandidos armados. Vocês já os conhecem.

Quando falámos dos candongueiros, vimos que os bandos armados roubam o gado e que, por isso, temos fome. Nós poderíamos vender o gado e comprar os artigos de que necessitamos. Mas os bandos armados roubam e dizem ao gado, transferem-no para a África do Sul. Antes, no tempo de Ian Smith, transferiam-no para a Rodésia. Os bandos armados roubam cabritos, ovelhas, galinhas. Com que ficamos?

QUEM SÃO OS BANDIDOS ARMADOS

Alguns moçambicanos pensam que os bandidos armados são pessoas com consciência, pensam que são humanos, dizem que devemos acei-

tar passivamente o vandalismo, o javalismo dos bandos armados. Pedem-nos para negociarmos com javalis, com majembenes, pedem-nos para trazer o javali à mesa e sentá-lo numa cadeira para negociar connosco...

(Por ordem do Marechal Samora Machel, os bandidos armados, cerca de 60, são colocados de forma a que todos os vejam claramente).

São estes os javalis, estão ali os javalis! São estes os bandos armados!

Querem que eu negocie com javalis?! Estes são javalis, são carga impura. Estes mataram.

(Em uníssono e espontaneamente a população vaia ruidosamente os bandidos armados).

Abaixo o bandido armado!

A Luta Continua!

(Nesta altura, o Presidente Samora Machel mostra códigos de transmissões computarizados encontrados com os bandidos armados).

Vejam estes códigos de transmissões. Pensam que estes javalis podem utilizar estes códigos?

Independência ou morte, Venceremos!

Os bispos católicos de Moçambique dizem que «é preciso estabelecer a concórdia e a paz». Com estes? Estes que violam, mulheres, que raptam crianças, que assassinam, que roubam e destroem os bens da população? **(O Presidente Samora Machel manda mostrar ao povo as armas capturadas aos bandidos, os rádios, pratos, panelas e outros bens que tinham sido roubados às populações).**

Vejam o que eles andavam a roubar!

(Os presentes exprimem exclamações de ódio).

A Luta Continua!

Independência ou morte, venceremos!

Muitos dos que estão aqui entregaram-se. Muitos destes foram raptados pelos bandidos armados que vieram da África do Sul e receberam ordens para matar. Agora porque mataram, já não podem fugir, passaram a pertencer aos bandidos armados.

Outros vivem de suruma. Vê-se pelos olhos deles. **(O Presidente Samora Machel manda mostrar um bandido treinado na África do Sul que apresenta ar de drogado. Um outro, também treinado na África do Sul durante três meses, afirma que «o mandaram vir trabalhar para depois governar»).**

São estes que não podem falar sem beber e sem fumar suruma, estes transformados em animais selvagens, que querem derrubar o governo para governarem isto tudo? Não é normal!

Olhem para as suas caras? São pessoas estas? **(Rumor geral de reprovação: NÃO!).**

A Luta Continua!

Independência ou morte, venceremos!

Só vim cá para ouvir as vossas preocupações e apresentar-vos as minhas felicitações, sobretudo pela vossa combatividade, por em poucos meses se terem libertado dos bandidos

armados, de terem limpo a vossa província dos bandidos armados.

Em Dezembro, enviámos Forças Armadas para a província, e em Janeiro reforçámo-las. Em Dezembro começámos a fazer algumas operações e em Janeiro desenvolvemos mais essas operações.

Mas constatámos que estes bandidos armados não são adversários, não são soldados. São mesmo bandidos!

Então definimos que se cercariam todos os lugares onde eles viviam e onde tinham concentrado as populações raptadas.

O nosso Exército recebeu uma missão com três características: primeiro, cercar os bandidos armados; segundo, concentrar a força das nossas armas; terceiro, desencadear o combate. A missão principal consiste em desencadear um fogo intenso, durante um tempo determinado. E no lugar do combate, as nossas Forças devem registar três acções.

É que, quem levar informação ao bandido, vai morrer com o bandido; quem levar comida para o bandido, vai morrer com o bandido; quem fizer negócio com os bandidos, vai morrer com os bandidos.

Portanto, temos três acções a registar. Primeiro nós queremos registar quantos mortos no lugar do combate. Segundo, registar quantos ficaram feridos, embora a nossa missão não seja a de ferir, pois o soldado da República Popular



O Povo ama a Paz e tudo fará para instaurar a tranquilidade em todo o País

de Moçambique não dispara para ferir mas sim para matar. Infelizmente, temos encontrado alguns feridos. Vão dar-nos trabalho. É que os medicamentos são para o nosso povo, para o nosso soldado. E agora temos que tratar o bandido ferido! Terceiro, queremos registar quantos prisioneiros fizemos. Portanto, só queremos registar três coisas: mortos, feridos e prisioneiros.

ANIQUILAR O INIMIGO

Os bandidos entraram aqui há muito tempo. Sentiram o nosso fogo. Eles sabem quantos amigos deles morreram. Estes que estão aqui viram e sabem. É por isso que se entregaram. Entraram aqui há muito tempo mas não se entregaram. Logo agora entregaram-se, mas não foi por acaso. Sentiram o cheiro da pólvora da nossa arma, e o cheiro da pólvora é que os obrigou a render-se.

Como vocês vêem, estes não são normais. Primeiro, pelo seu aspecto personificam a escória da sociedade, o que há de pior dos marginais. Segundo, são assassinos, todos eles mataram.

Todos estes vão-nos mostrar as bases deles. Terão que nos dizer, cada um deles, quantas pessoas mataram em quantas operações de roubos, de saque participaram, quantas cantinas roubaram, quantos machimbombos incendiaram, quantos comboios descarrilaram, quantas cabeças de gado roubaram, quantas mulheres andaram a violar.

Estão a ver este aqui? Entregou a sua filha grávida aos bandidos. Ele vai dizer-vos tudo, qual foi o objectivo que o levou a entregar a sua filha aos bandidos.

(Este bandido armado contou, em poucas palavras, como amarrou a filha e a entregou aos bandidos. Em seguida, o Presidente Samora Machel apresentou um grupo de jovens que tinham sido raptados pelos bandidos armados mas que conseguiram escapar e indicar às FPLM onde se encontravam os bandidos).

Finalmente quero agradecer à Província de Gaza, através de vós, os problemas que aqui expuseram. Não são problemas de Chibuto, de Manjacaze, de Guijá, de Chókwè, de Macia. São problemas de todo o nosso país. Os problemas aqui levantados preocupam profundamente a gente do campo.

Por isso, queremos agradecer-vos por terem tido a coragem de colocar directamente os problemas: bandidos armados, candongueiros, fome e nudez.

A resolução destes problemas passa, em primeiro lugar, pelo estabelecimento da paz, da tranquilidade e da segurança em todo o nosso país.

Por isso, é preciso este combate para eliminar os bandidos armados. Em Manica, Sofala, Tete, Zambézia, Gaza, Inhambane e Maputo, em

todo o lado em primeiro lugar é preciso eliminar os bandidos armados.

Esta é a solução decisiva para que possamos desenvolver economicamente o nosso país. Para o desenvolvimento cultural, social, científico, técnico, profissional.

Em segundo lugar, o combate contra os candongueiros, que são bandidos desarmados. Eles não têm armas, mas são os piores bandidos. Atacam directamente a nossa economia.

O combate contra os candongueiros será também com armas. A mesma arma que abate o bandido armado, será a mesma arma para o candongueiro. A arma que combate o bandido armado, será a mesma contra o ladrão, contra o especulador, contra o açambarcador, contra o drogado. E sobretudo contra o ladrão que rouba tudo.

Quero agradecer, finalmente, a organização exemplar que vimos aqui. Desde manhã que estão aqui concentrados e todos ansiosos por ouvir e discutir os problemas nacionais. Quero agradecer a vossa disciplina. E sobretudo por nos terem chamado à atenção de que o Governo não exerce o poder.

Mostraram-nos aqui o modelo, o exemplo de disciplina. Mostraram-nos como discutir de maneira profunda, madura, consciente, de maneira política, os problemas nacionais.

Por isso, transmitiremos aos outros distritos de Gaza o exemplo que vimos aqui de gente que veio de Manjacaze, de Guijá, do Bilene, do Xai-Xai, para assistir a esta nossa reunião histórica.

Vocês foram para nós professores de disciplina, de organização e de política.

Assim, podemos dizer que com este povo que habita este pedaço de terra moçambicana, nós venceremos todas as dificuldades. Estas dificuldades não são criadas pelo Povo moçambicano, mas sim problemas deixados pelo colonialismo, pela dominação, pela exploração.

Agora o nosso combate é lutar para que sejamos felizes.

E queremos agradecer a cooperação, a ligação que existe entre a população e as Forças Populares de Libertação de Moçambique. Esta vitória foi possível porque existe esta cooperação.

Transmitiremos estas experiências a outras Províncias afectadas pelos bandidos armados. A experiência demonstra que a vitória é certa e rápida quando o povo coopera com o Exército **(Aplausos)**.

Do Rovuma ao Maputo, os bandidos serão fuzilados. **(Aplausos prolongados)**

Obrigado, população de Gaza!
Obrigado, população do Chibuto!
Khanimambo, Frelimo!

**A LUTA CONTINUA!
INDEPENDÊNCIA OU MORTE,
VENCEREMOS!**